9.

DEZEMBRO · 2023

Ponte de Lima:
do passado ao presente, rumo ao futuro!

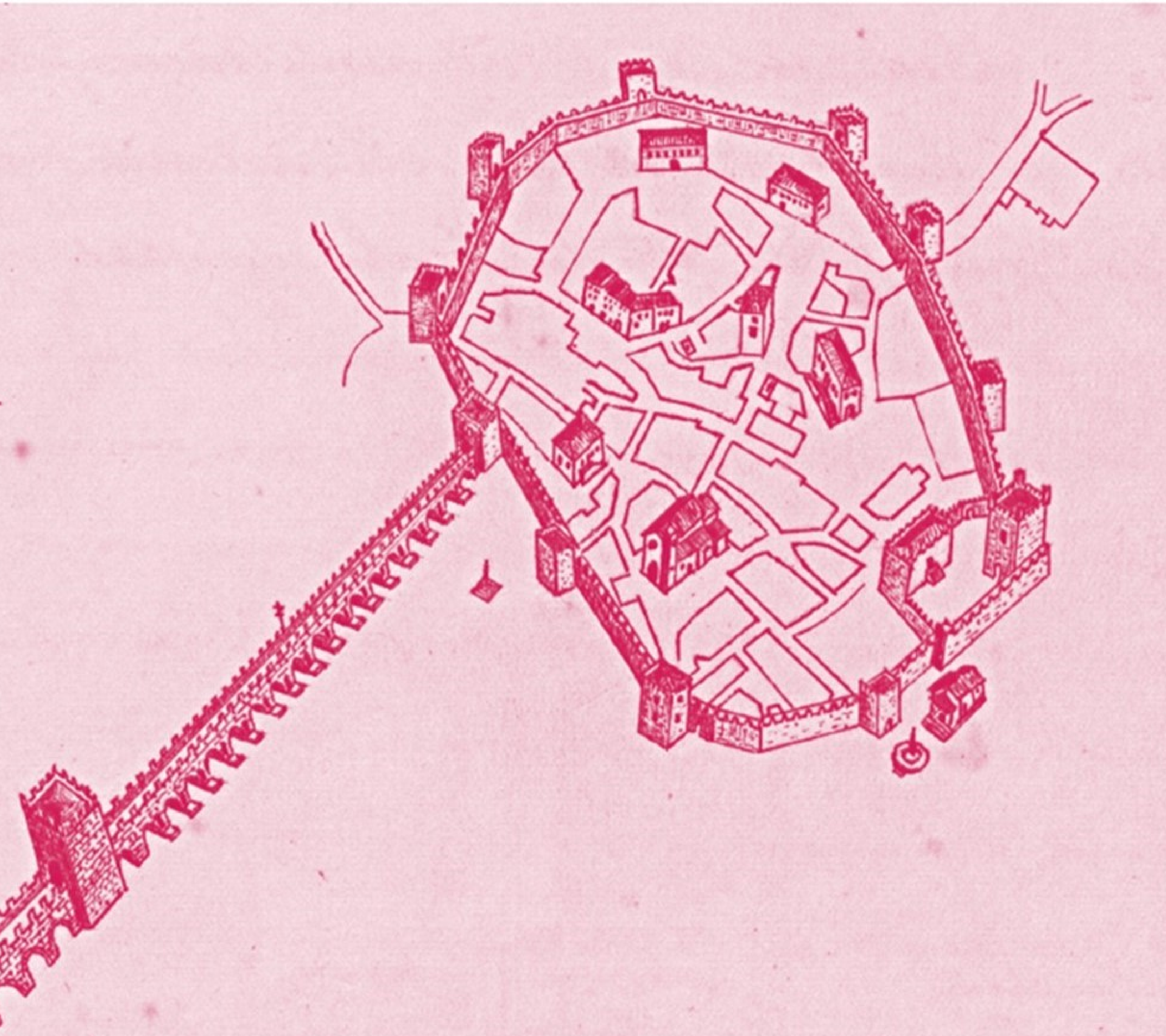




FIGURA 1.
Tapeçaria desenhada por Almada Negreiros

FONTE · Arménio Belo / Câmara Municipal de Viana do Castelo

A TRAVESSIA DO RIO LIMA PELAS LEGIÕES ROMANAS: ENTRE O MITO E A REALIDADE

THE CROSSING OF THE LIMA RIVER BY THE ROMAN LEGIONS: BETWEEN MYTH AND REALITY

Começando por fazer alusão ao conjunto escultórico que, nas margens do Lima, evoca a passagem do general romano Décimo Júnio Bruto e das suas tropas por esta localidade no ano de 137 a.C., este artigo pretende confrontar a narrativa mítica e tudo o que a liga à lenda do rio Letes com as fontes clássicas gregas e romanas e a possível interpretação dessas mesmas fontes. Atendendo ao facto de este tema ter despertado desde há décadas o interesse de muitos investigadores, não se pretende aqui avançar com uma nova teoria interpretativa, mas sobretudo chamar a atenção do leitor para a complexidade da hermenêutica das fontes e das interrogações que, em torno delas, se levantam. Finalmente, passando do domínio da arte escultórica para o da arte poética, faz-se uma tentativa de, através da matéria verbal, imortalizar a singularidade das águas do rio Lima e da via por ele aberta até ao cabo Nérion (Finisterra), onde os soldados romanos viram pela primeira vez a ocidente o sol a cair no Oceano.

CONJUNTO ESCULTÓRICO, LENDA DO RIO LETES, DÉCIMO JÚNIO BRUTO, INTERPRETAÇÃO DAS FONTES CLÁSSICAS, POETIZAÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA

SCULPTURAL ENSEMBLE, LEGEND OF THE RIVER LETHE, DECIMUS JUNIUS BRUTUS, INTERPRETATION OF CLASSICAL SOURCES, POETICISING THE MYTHICAL NARRATIVE

Starting by alluding to the sculptural ensemble which, on the banks of the Lima, evokes the passage of the Roman general Decimus Junius Brutus and his troops through this locality in the year 137 BC, this article intends to confront the mythical narrative and everything that links it to the legend of the river Lethe with the classical Greek and Roman sources and the possible interpretation of these same sources. Given the fact that this theme has aroused the interest of many researchers for decades, the aim here is not to put forward a new interpretative theory, but rather to draw the reader's attention to the complexity of the hermeneutics of the sources and the questions that arise around them. Finally, moving from the domain of sculptural art to that of poetic art, an attempt is made, through verbal matter, to immortalize the singularity of the waters of the Lima River and of the route opened by it to Cape Nerion (Finisterre), where Roman soldiers saw the sun fall into the Ocean for the first time in the west.

MANUEL TOJAL[1]

1. *O conjunto escultórico evocativo da lenda do rio Letes*

A 10 de junho de 2009, no dia em que Ponte de Lima revivia a secular tradição da Vaca das Cordas, a Câmara Municipal inaugurava, em ambas as margens do rio Lima, mesmo em frente à vila, um conjunto escultórico, evocativo da Lenda do Rio Letes[2], designação utilizada na antiguidade para o rio Lima. As estátuas em ferro e granito, com a assinatura dos artistas plásticos Salvador Vieira e Mário Rocha e a colaboração do artesão de cantaria Martinho Sequeiros, pretendem perpetuar a passagem do general romano Décimo Júnio Bruto e das suas tropas, por Ponte de Lima, no ano 137 a.C.
Este episódio da travessia do rio seria evocado num pequeno texto inscrito na parte superior de uma tapeçaria desenhada por Almada Negreiros, datada de 1957, encomendada pela Pousada Monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e cuja imagem se encontra reproduzida num painel de azulejos em Ponte de Lima:

"Comandadas por Decius[3] Junius Brutus, as hostes romanas atingiram a margem esquerda do Lima no ano 135 a.C. A beleza do lugar as fez julgarem-se perante o lendário rio Letes, que apagava todas as lembranças da memória de quem o atravessasse. Os soldados negaram-se a atravessá-lo. Então, empunhando o estandarte das águias de Roma, o comandante chamou, da outra margem, a cada soldado pelo seu nome. Assim lhes provou não ser esse o rio do Esquecimento."

Inspirado na mitologia grega e nos relatos dos historiadores romanos, este mesmo texto, com pequenas alterações, foi transcrito na lápide que, na margem direita do rio, junto à estátua equestre que reproduz a figura do general romano, assinala a inauguração do conjunto escultórico, sendo que as representações dos soldados ficaram instaladas na margem esquerda. Na mesma ocasião foi aí colocada uma réplica do miliário de Bertiandos, com a seguinte epígrafe em latim[4]:

IMP•CAES•G•IVL•VERVS
MAXIMINVS•P•F•AVG•GERM
MAX•DAC•MAX•SARMATIC•MAX
PONT•MAX•TRIB•PORT•V
IMP•VIIP•P•COS•PROCS•ET
C•IVL•VERVS•MAXIMINVS•NO
BILISSIMVS•CAES•GERM•MAX
DAC•MAX•DAC•MAX•SPcM•MAX
PRINC•IVENTVTIS•FILIVS
IMP•D•N•IVL•VERI•MAXI
MINI•P•F•AUG•VIAS•ET
PONTES•TEMPORES
VETUSTATE•COLLAP
SOS•RESTITIVERVN¯
CVRANTE•Q•D•LEG•AV-
G•PR•PR•AE•E(sic)
A BRAC•M•P•XVIII

Eliminando as abreviaturas e os manifestos lapsos históricos e linguísticos aí existentes[5], teremos a

[1] Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de Toulouse. Professor Auxiliar na Universidade da Maia / Instituto Politécnico da Maia e membro do N2i - Núcleo de Investigação do Instituto Politécnico da Maia. O autor agradece à Dra. Cristiana Freitas por toda a colaboração prestada.

[2] Os historiadores hesitam entre as formas Letes e Lethes. José Pedro Machado (1993), no seu prestigiado Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa,apresenta a entrada "Lete" com a seguinte explicação: "Do gr. Lethe («esquecimento»), gen. Lethes, pelo lat. Lethe, rio dos Infernos, cujas águas provocavam o esquecimento. [...] Na Galécia, os Gregos e os Romanos chamavam Lethes ao Rio Limia, o actual Lima por provável confusão com o Leça."
Facto é que, no texto inscrito na parte superior da tapeçaria desenhada por Almada Negreiros, se utiliza a forma "Letes". O texto do nosso artigo hesita intencionalmente entre as duas formas, sendo que não vemos forte razão para a transcrição da forma grega em português com "h", indo neste caso ao encontro daquela que é utilizada por João Barreto Guimarães (2017) no seu completo estudo intitulado "À conquista da Hispânia: análise histórico-arqueológica da campanha de Décimo Júnio Bruto, o Galaico".

[3] Conforme regista José Pedro Machado (1993: 493), a princípio seria este o nome dado ao décimo filho, do lat. *Decius*, provavelmente derivado de *decem*. Não deve estranhar-se, por conseguinte, a presença de duas formas (Décio e Décimo) relativas ao mesmo prenome romano.

[4] Tal como os gregos, também os romanos utilizavam a chamada *escrita contínua*: sem espaços, sem pontuação, sem diferenciação entre maiúsculas e minúsculas (neste caso verifica-se o uso exclusivo de letras *capitais*). Em certos textos, como é o caso

desta epígrafe, os *puncti distinguentes*, que podiam assumir a forma redonda ou triangular, eram colocados a meio da altura das letras (Encarnação, 2013).

[5] Evidentes são os seguintes lapsos linguísticos: PORT. (l. 4) em vez de POT.; SPcM. (l. 8) em vez de SARM.; IVENTVTIS (l. 9) em vez de IUVENTUTIS; TEMPORES (l. 12) em vez de TEMPORIS; RESTITIVERUNT em vez de RESTITUERUNT. Um manifesto lapso histórico é o nome MAXIMINUS (l. 6) (em vez de MAXIMUS) referido ao filho do imperador Gaius Iulius Verus Maximinus.

seguinte reconstituição do texto inscrito na coluna:

IMP(erator) CAES(ar) G(aius) IUL(ius) VERUS / MAXIMINUS P(ius) F(elix) AUG(ustus GERM(anicus) / MAX(imus) DAC(cicus) MAX (imus) SARMATIC(us) MAX(imus) / PONT(ifex) MAX(imus) TRIB(unicia) POT(estate) V / IMP(erator) VII P(ater) P(atriae) CO(n)S(ul) PROCO(n) S(ul) ET / C(aius) IUL(ius) VERUS MAXIM[us] NO / BILISSIMUS CAES(sar) GERM(anicus) MAX(imus) / DAC(icus) MAX(imus) SARM(aticus) MAX(imus) / PRINC(eps) IUVENTUTIS FILIUS / IMP(eratoris) D(omini) N(ostri) G(aii) IUL(ii) VERI



FIGURA 2.
Réplica do miliário de Bertiandos

FONTE · Cristiana Freitas

MAXI /MINI P(ii) F(elicis) AUG(usti) VIAS ET / PONTES TEMPORIS VETUSTATE COLLAP / SOS RESTITUERUNT / CURANTE Q(uinto) D(ecio) LEG(ato) AUG(usti) PR(o) PR(etore) / A BRACA(ra) M(ilia) P(assum) XVIII

Cotejando agora a tradução de Argote (apud Araújo,1982: 47) com a de Reis (1978), propomos a seguinte tradução:

"O Imperador César Caio Júlio Vero Maximino, Pio, Feliz, Augusto, Germânico Máximo, Dácico Máximo, Sarmático Máximo, Pontífice Máximo, no seu quinto poder tribunício, Imperador sétimo, Pai da Pátria, Cônsul, Procônsul, e Caio Júlio Vero Máximo, Nobilíssimo César, Germânico Máximo, Dácico Máximo, Sarmático Máximo, Príncipe da juventude, filho do Senhor Nosso Imperador Caio Júlio Vero Maximino, Pio, Feliz, Augusto, restauraram as vias e pontes arruinadas com a passagem do tempo, sendo encarregado Quinto Décio, legado de Augusto, propretor - a 18 milhas de Braga."

Sendo uma indiscutível marca da romanização da Península, importa referir que esta réplica do miliário de Bertiandos nada tem a ver com o episódio da travessia do rio Lima. O original era um marco que, fazendo parte da Via Romana que ligava Braga a Tui e a Lugo, passando, entre outras localidades, por Prado, Ponte de Lima e Paredes de Coura (via XIX Bracara-Lucus, conforme consta do *Itinerarium Antonini*), fora levantado, de acordo com os elementos históricos presentes no texto epigrafado, no século III, no tempo dos imperadores Maximino e Máximo, entre 235 e 238 e estava enterrado no campo de Santo Amaro, na Feitosa, freguesia localizada a sul de Ponte de Lima, no caminho que seguia para Braga. Tendo sido descoberto em 1641, no tempo de Francisco Pereira da Silva, terceiro senhor de Bertiandos, foi por este levado para o terreiro do solar, tendo servido de pelourinho entre 1795 e 1835, período durante o qual as freguesias de Bertiandos, Estorãos e Santa Comba foram constituídas em concelho. Extinta a jurisdição, o monumento, que fora colocado diante da cadeia, junto ao rio, regressa em 1886 à localização anterior, integrado na reformulação do parque solarengo (Araújo, 1962; Melo, 1967).

2. *A narrativa mítica*

Corria o ano de 137 a. C. quando as legiões romanas, comandadas por Decimus Junius Brutus, já depois de terem atravessado o Tejo, o Mondego, o Vouga, o Ave e o Cávado, continuaram a progredir para norte, com o objetivo de procederem à conquista de todo o noroeste Peninsular. Ao chegarem às margens do Lima, deslumbrados com a beleza e a calma das suas águas, os soldados temeram ter chegado às margens do Rio Lethes ou Rio do Esquecimento. De acordo com a mitologia gre-

"Ao chegarem às margens do Lima, deslumbrados com a beleza e a calma das suas águas, os soldados temeram ter chegado às margens do Rio Lethes ou Rio do Esquecimento."

ga, amplamente adotada pelos romanos, as almas que chegavam ao mundo dos mortos, o Hades, e que, depois do julgamento final, vagueavam pelos Campos Elíseos, deviam beber da água do Lethes para que toda a memória da sua vida anterior fosse apagada. Só assim poderiam voltar ao mundo dos vivos, ou seja, ressuscitar. De acordo com a tradição grega, o Lethes era um dos cinco rios do Hades, com águas de grande beleza e calma, situado a Ocidente, para lá do mundo conhecido. Tudo isto dava aos soldados romanos razões para crerem que aquele rio que tinham pela frente podia ser o Rio do Esquecimento e nenhum deles queria correr o risco de esquecer a sua vida passada, a sua família ou a sua terra natal. Na pesquisa por nós efetuada, numa reportagem publicada a propósito da Festa do Esquecimento anualmente comemorada em Xinzo de Limia, na província de Ourense (García, 2013), encontram-se mais pormenores que, pelas suas características, implicam a existência de um guião com diálogos entre as personagens que dão corpo à recriação do evento e à consequente encenação do mito.

Na margem esquerda do rio Lethes estão reunidos os soldados romanos sob o comando de Décimo Júnio Bruto. À direita, as tropas nativas estão à espera. O general discute com o áugure e o tribuno, porque não acredita que, ao atravessar o mítico Letes, perderá a memória. "Há anos atrás esqueceram neste rio a sua pátria e as suas famílias. São as portas do Hades!", explica o áugure. "Onde é que está escrito que atravessar este rio vos fará perder a memória?", contrapõe o general. O áugure insiste: "Não acordes o morto, Décimo!". Mas o general romano, vendo os seus solda-



FIGURA 3.
Estátua de Décimo Júnio Bruto em Ponte de Lima.

FONTE · https://juliedawnfox.com

dos aterrorizados e sem coragem para atravessar o rio, arranca o estandarte da Legião das mãos do signífero, esporeia o cavalo e entra decidido nas águas. Quando chega à margem direita, crava o estandarte no chão, chama cada soldado pelo seu próprio nome e ordena-lhe que atravesse. As tropas romanas obedeceram quando Bruto gritou: "Onde estão as portas do Hades? Onde estão os espíritos do inferno?"

Já do outro lado do rio, os invasores anunciaram ao povo castrejo pela boca do general: "Terra dos límicos, terra dos galaicos, Roma traz a lei, a força e a cultura! Não queremos a vossa submissão, queremos fazer um pacto de aliança". De nada valeu ao povo límico responder à chamada do seu líder, Beltain, nem encomendar-se aos seus deuses. As tropas invasoras estavam agora decididas a destruir o mito do rio Letes e a chegar até onde nenhum romano chegara antes, iniciando a conquista do noroeste da Península através da região galaica. Com esse propósito, avançaram para o acampamento dos castrejos e decidiram lutar contra os nativos, provocando um grande massacre.

3. *As fontes clássicas*

Como refere Gomes (2018: 9), dissecar o percurso de Décimo Júnio Bruto no Ocidente não é tarefa fácil, quer pelo silêncio de muitas das fontes clássicas quer pela invisibilidade do registo arqueológico. Acerca do episódio da travessia do rio Lima, Leite de Vasconcelos (1905: 225), começando por assumir o relato de Tito Lívio, acaba por questionar aquilo que designa por "superstição" e os fundamentos da mesma:



FIGURA 4.
Legionários na margem esquerda do rio Lima

FONTE · olharvianadocastelo.blogspot.pt

Quando Decimo Junio Bruto andava em guerra na Galecia, aconteceu que, ao chegar com os soldados ao rio Limia, hoje Lima, *estes não quiseram passar para o outro lado, sendo preciso que elle próprio arrancasse o estandarte das mãos do signífero e o levasse para a margem oposta, só assim os persuadindo a fazerem a travessia. [...] Em que é que consistia a superstição? Porque é que os soldados receavam atravessar o rio?*

Partindo de uma tradição, considerada indo-europeia, os rios foram tidos na Antiguidade como sagrados, com frequência envoltos em lendas e superstições. A lenda em torno de um rio do Esquecimento apresenta-se como uma das narrativas mais generalizadas nas mitologias da Antiguidade. No caso específico da expedição militar de Bruto, há um acontecimento que mereceu a atenção de um largo número de historiadores da antiguidade greco-romana e que se refere justamente à travessia do Rio do Esquecimento, identificável como o rio Lima. Dessas fontes clássicas, o geógrafo grego Estrabão é o único que não está em sintonia com os demais autores, ao admitir que o Lima constituiu o limite da expedição militar de Júnio Bruto.

> *Partindo de uma tradição, considerada indo-europeia, os rios foram tidos na Antiguidade como sagrados, com frequência envoltos em lendas e superstições.*

- **Estrabão** (*Geografia*, III, 3-4)
  "Depois há outros rios, e depois desses, o Lethes, que alguns chamam Limia e outros Belion. E este rio vem do país dos Celtiberos e Vaceus [...] este rio foi o limite da expedição de Bruto" (III, 3-4); "Ao redor do cabo [Nerion] habitam os Celtas, aparentados aos das margens do Anas [Guadiana]. Conta-se que estes e os Túrdulos, que se encontravam numa expedição militar, se revoltaram após a passagem do rio Limia. Associa-se a esta rebelião também a perda do seu comandante, e por ali ficaram dispersos. É por isso que o rio se chama Lethes" (III, 3-5).

- **Tito Lívio** (*Ab Urbe Condita*, Períocas 55)
  "Décimo Júnio submeteu a Lusitânia com a conquista das cidades até ao Oceano, e recusando-se [os seus soldados] a passar o Rio do Esquecimento, ele mesmo passou o estandarte arrebatado ao signífero e assim os convenceu a que passassem" (... *et cum flumen Oblivionem transire nollent, raptum signifero signum ipse transtulit et sic ut transgrederentur persuasit*.).

- **Papiros de Oxirrinco**
  "Sendo cônsules M. Emílio e C. Hostílio Manciano, Décimo Júnio Bruto na Hispânia, depois de uma vitoriosa campanha, atravessou facilmente o Rio do Esquecimento."

- **Apiano** (*Iberia*, 73-74)
  "Porém [Bruto] desistiu de persegui-los [os bandos que saqueavam a Lusitânia] naquela vasta região compreendida entre os rios Tejo, Lethes (*Λήθης*), Douro e Bétis, todos eles navegáveis [...] Assim chegou até ao rio Lete (*Λήθην*) e foi o primeiro que se propôs atravessá-lo."

- **Pompónio de Mela** (*De Chorographia, III, 1, 10*)
  Ao descrever o território dos povos celtas, este autor afirma que os Gró-

vios habitavam, a partir do Douro, toda a costa, que incluía os rios Ave, Cávado, Neiva e Minho, de sul para norte, deixando para o final o rio Límia. No entanto, é o cognome do Límia que sobressai numa atenta observação, uma vez que Mela acrescenta que também era conhecido por Esquecimento (*cui Oblivionis cognomen est Limia*).

- **Plutarco** (*Quaestiones Romanae*, 34)
  "Foi este [Bruto] quem, atacando a Lusitânia, foi o primeiro a cruzar o Lethes (*Λήθης*) com um exército."

- **Lúcio Floro** (*Epítome de Tito Lívio*, I, 33, 12)
  "Décimo Bruto, percorrida toda a costa do Oceano como vencedor, um pouco mais além dos Celtas e Lusitanos, dos povos de toda a Galécia, e do rio do Esquecimento (*flumen Oblivionis*), pavor dos soldados, não retirou os seus estandartes antes de descobrir, não sem um certo temor e horror de sacrilégio, o sol caindo no mar e o fogo surgindo da água."

- **Sílio Itálico** (*Guerras Púnicas*, I, 235-236)
  Ao descrever as Guerras Púnicas sob a forma de poema, este autor menciona a riqueza dos rios do Ocidente hispânico, concretamente o Tejo, o Douro e o rio do território dos Grávios, conhecido por infligir o mesmo esquecimento que o Lethes do submundo: "O Lethes corre arrastando areias claras pela terra dos Grávios, evocando aos povos o esquecimento da vida após a morte."

No que diz respeito ao ano da ocorrência, em ligeira discrepância com a data que consta no texto de Almada Negreiros, a travessia terá ocorrido em 137 a.C., uma vez que, nesse mesmo ano e já depois da campanha na Galécia, Bruto foi chamado à província da Hispânia Citerior para apoiar o cônsul Marco Emílio Lépido Porcina. A partir dali, seguiu em 136 a.C. para Roma onde se dedicou a celebrar o triunfo sobre galaicos e lusitanos, conforme consta em várias fontes clássicas (Tito Lívio; Apiano; Valério Máximo). Os *Fastos Capitolinos* confirmam a celebração do seu triunfo como procônsul dos lusitanos e galaicos no ano 617 da fundação de Roma[6].

Antes de passarmos a uma tentativa de interpretação das fontes clássicas, importa sublinhar, de acordo com Gomes (2018: 86), que, genericamente falando, "as fontes escritas que hoje nos servem como base para os registos toponímicos e geográficos paleo-hispânicos não foram redigidas por autores que conheceram directamente o mundo ibérico, em especial o Ocidente. No essencial, limitaram-se a reproduzir, com alguma fidelidade, os termos transmitidos pelas *auctoritates*." Nesta perspetiva, estas fontes são, acima de tudo, "agentes retransmissores da informação cuja capacidade de indagação, correcção e adição de dados é limitada".

[6] Aí se pode ler a seguinte inscrição: "Décimo Júnio Bruto Galaico, filho de Marco e neto de Marco Bruto, no ano 617 [da fundação de Roma], sendo procônsul, venceu os lusitanos e os galaicos na Hispânia Ulterior" (apud Lopes, 1862: 499).

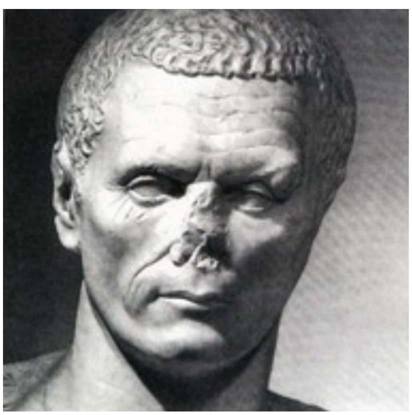


FIGURA 5.
Busto de Décimo Júnio Bruto Galaico

FONTE · https://khronoshistoria.com

4. *Interpretação das fontes*

Garcia Quintela (1986) aponta para duas hipóteses de interpretação relativamente à narrativa de Tito Lívio:

a) ou se trata de um *topos clássico*, nada tendo a ver com a realidade local;

b) ou reflete um mito tradicional indígena, de fundo indo-europeu, que pode ser confrontado com conhecidos paralelos da literatura grega e latina.

A favor da **primeira hipótese**, aponta o facto de o nome do rio Lima ter entrado no âmbito das fontes clássicas através do termo grego Lethes e do mito a ele associado, o que explica a sua transposição para o mundo romano sob a forma de *Oblivio* ou *flumen Oblivionis* (Lívio; Floro; Mela; Períocas de Oxirrinco)[7]. Esta presunção de estarmos na presença de um *topos* literário[8] radica, segundo Guerra (1996: 156), na circunstância de encontrarmos alusões genéricas exatamente do mesmo tipo para vários rios, como é o caso do Lethon, um rio do norte de África também transformado, pelo peso do mito clássico, em rio infernal. Nesta perspetiva, "torna-se evidente que um hidrónimo afim suscitava de imediato nos autores clássicos uma imediata associação ao *topos* literário" (Guerra, 1996: 157). Que sentido faria localizar no noroeste da Península Ibérica um *Lethes* ou um *flumen Oblivionis*? Estaremos, então, aqui perante um *topos* da geografia clássica: os confins do mundo conhecido, as chamadas *Eskhatiai*, são os lugares onde se situa toda a ordem de **prodígios** e maravilhas. Nesse sentido, o Rio do Esquecimento e o sol que é devorado pelo Oceano quando a legião de Bruto atinge a costa atlântica, inspirando, segundo as palavras de Floro, o sentimento de terror nos soldados, inscrevem-se numa mesma tradição de prodígios próprios da periferia do Mundo. A Ibéria já é demasiado conhecida para albergar nela monstros, plantas prodigiosas ou raças inimagináveis. Todavia, apesar disso, o mágico e o maravilhoso persistem. O facto de estarmos perante um rio reforça essa imagem: os cursos de água habitualmente são fronteiras, neste caso não apenas físicas mas também psíquicas. O rio, tal como o oceano, separam as terras conhecidas das desconhecidas. Para lá da fronteira, como refere Salgado (1996), reside o Esquecimento, a Anomia, a Anarquia. Aqui poderíamos falar de toda a força simbólica do gesto de Júnio Bruto na narrativa de Tito Lívio: quando ele se apodera do estandarte e atravessa o rio, em boa medida está projetando na realidade geográfica e mental a passagem do *mythos* ao *logos*. Além disso, o poder de Roma fica consolidado: onde os outros vacilam, Roma avança e domina.

A **segunda hipótese** de interpretação assenta na explicação do mito do Letes a partir de uma perspetiva indígena, na qual entronca a chamada **corrente céltica** que de-

fende que o mito do rio do Esquecimento seria local: os Célticos, tal como os outros povos, ligavam ao meio aquático a passagem deste mundo para o outro. Os rios eram uma porta para o Além e para a morada dos deuses. Nesta linha de pensamento, o mais provável é que os soldados romanos tenham sido influenciados pelas crenças dos habitantes locais ou pelos Célticos e Túrdulos incorporados como auxiliares (*auxilia*) no exército de Júnio Bruto.

O estudo amplamente documentado de João Barreto Gomes, intitulado *À conquista da Hispânia: análise histórico-arqueológica da campanha de Décimo Júnio Bruto, o Galaico*, vem, no entanto, demonstrar toda a complexidade da interpretação das fontes clássicas e das interrogações que, em torno delas, se levantam. Com efeito, Gomes (2018: 109) não nega, à partida, a capacidade de os povos indígenas construírem narrativas míticas em torno de acontecimentos imortalizados pela tradição oral, nem exclui liminarmente a possibilidade de as fontes clássicas poderem captar aspetos desses relatos. E nessa ótica, retoma a narrativa dissonante de Estrabão, reconhecendo afinidades entre a recusa dos soldados de Bruto atravessarem o tal rio Letes e a revolta dos Célticos e Túrdulos contra o seu chefe, revolta essa que, após a travessia e consequente amnésia, os teria levado a dispersarem-se por aqueles territórios. A semelhança das narrativas míticas existentes quer na cultura dos povos peninsulares quer na cultura do povo romano refletiriam um sentimento comum de **medo perante o desconhecido** (Guerra, 1996: 150), simbolizado pelo que está para além do Lima ou para além do rio que tem de ser atravessado após a morte.



FIGURA 4.
O fim do mundo conhecido: Finisterra.

FONTE · https://www.turismo.gal

[7] Tendo Roma adotado esta crença, é compreensível que tenha posicionado o rio Lethes nalgum lugar remoto. Ora naquela época não havia para os romanos lugar mais remoto do que o noroeste da Hispânia, o fim do mundo conhecido e onde começava o Mar Tenebroso.

[8] Este conceito é definido por Weil (1990:123) como "uma configuração narrativa recorrente".

5.
Uma tentativa de poetização da narrativa mítica

O autor destas linhas, que gosta de História mas que, por formação académica, não é um historiador, opta neste epílogo por sair do registo de carácter mais ensaístico para fazer uma incursão no registo poético, num tom paradoxalmente épico se pensarmos que, no seu poema, os heróis são os invasores que fizeram derramar muito sangue para vencerem e submeterem os povos do noroeste peninsular, dos quais parcialmente somos descendentes. O poeta Ovídio faz menção de tal violência quando, nos Fastos, refere que, naquela época, Bruto tomou como cognome o nome do seu inimigo **Galaico** e tingiu de sangue a terra hispânica: *Tum sibi Callaico Brutus cognomen in hoste / Fecit, et hispanam sanguine tinxit humum* (apud Castilho, 1862: 142).

Na primeira e na segunda estrofes procuram-se as palavras que melhor traduzam o inesperado temor de soldados profissionais que, fazendo parte de uma legião, chegaram a ser considerados como a maior máquina de guerra do mundo antigo. Na última estrofe o poema vai buscar alguma inspiração a Bertolt Brecht que, em "*Perguntas de um operário letrado*" (1935), faz uma reflexão acutilante e amarga acerca dos nomes que ficam para a História ("O jovem Alexandre conquistou as Índias / Sozinho?"). Neste caso, foi o nome de Bruto que ficou nos livros, porque "nos livros vem o nome dos reis" (Brecht) ou dos grandes generais. Que fique como prémio de consolação, para os legionários que ajudaram a fazer na Ibéria a grandeza de Roma, "uma nesga de glória contigo / cônsul lendário / lá nos confins do império" onde, conforme se pode ler na narrativa de Lúcio Floro, eles contemplaram, com horror de sacrilégio, o cair do sol no Oceano, característico do crepúsculo observável no Ocidente hispânico.

Do Letes ao chão do Lima

São singulares estas águas
que te fizeram estacar o corpo
da legião.
Já o destemor vacila
já o medo lhes escorre
por entre os dedos das mãos
quando arrancas o estandarte
e esporeias o cavalo
sulcando as névoas do rio
como Pégaso voando.

Que importa que o medo escorra
que o exército se assombre
que importa que o corcel rinche
que a águia romana oscile
se chegas à outra margem
chamando pelos seus nomes.
Sabem agora os soldados
que as águas não são do Letes
esse rio dos infernos onde se afogam
lembranças e a memória
das coisas.

E avançam sorvendo ecos
dos cheiros da sua terra dos sons
dos seus próprios nomes
dos caudais atravessados Tejo
Zêzere e Mondego Vouga
Douro e mais a norte. A morte

ficou na margem
do outro lado do Lima. E o medo
ficou no chão
porque o lobo solitário
não sobrevive ao inverno.
Foi a memória num grito
que lhes abriu a passagem
para uma nesga de glória contigo
cônsul lendário
lá nos confins do império
onde em sacrílego beijo
o sol cai no Oceano.

M. Tojal, abril 2023

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Rosa (1962), *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima*, Viana do Castelo.

- ARAÚJO, José Rosa de (1982), *Os Miliários da Estrada Romana de Braga a Tuy*, Braga.

- ENCARNAÇÃO, José d' (2013), *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, 4ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra – Departamento de História, Arqueologia e Artes.

- GARCÍA, Jesús Manuel (2013), "Cuando Décimo Junio Bruto desmitificó el Lethes", in *La Voz de Galicia*, 19-08-2013.

- GARCÍA QUINTELA, M. V. (1986), "El rio del Olvido. Variaciones en torno a un episodio de la conquista de la Hispania", in J. Bermejo Barrera (ed.), *Mitología y mitos de la Hispania prerromana 2*, Madrid, Akal, pp. 75-86.

- GOMES, João Pedro Barreto (2018), *À conquista da Hispânia: análise histórico--arqueológica da campanha de Décimo Júnio Bruto, o Galaico*. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História na especialidade de História Antiga, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa. Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/34475.

- GUERRA, Amílcar (1994), "Os nomes do rio Lima. Um problema de toponímia e de geografia histórica", in *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Ediciones Universidadd de Salamanca – Universidade de Coimbra, pp. 147-161.

- LOPES, Valentim J. Silveira (1862), "Bruto o Calaico" (Nota Trigésima Sétima), in António Feliciano de castilho, *Os Fastos de Publio Ovidio Nasão*, com traducção em verso portuguez, Tomo III, Lisboa, Imprensa da Academia Real das Sciencias, pp. 497-501.

- MACHADO, José Pedro (1993), *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed., 3 vol., Lisboa, Livros Horizonte.

- MELO, Maria de Fátima da Silva (1967), *Arqueologia do Concelho de Ponte de Lima* (Dissertação de Licenciatura em História), s.l.

- REIS, António Matos (1978), *A Romanização no Concelho de Ponte de Lima*, Ponte de Lima.

- SALGADO, António Balboa (1996), *Gallaecia nas fontes cásicas*, Universidade de Santiago de Compostela.

- VASCONCELOS, José Leite de (1905), *Religiões da Lusitania*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1905.

- WEIL, Michèle, BOURSIER, Nicole (dir.) & TROTT, David (dir.), "Como identificar e definir o topos? Tópico Românico de Astrée a Justine". Proceedings of the Toronto Colloquium, in *The Birth of the Novel in France*, Papers on French Seventeenth, 1990, pp. 123-137.

AUTORES CLÁSSICOS

- APIANO (2000), *The Wars of the Romans in Iberia*. John Richardson trad., Warminster, Aris & Phillips.

- ESTRABÃO (2016), *Geografia. Livro III: introdução*, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira, Universidade de Coimbra.

- LÚCIO ANEU FLORO (2000), *Epítome de la Historia de Tito Livio*. Trad. de Hinojo Andrés, Madrid, Gredos.

- PÚBLIO OVÍDIO NASÃO (2018), *Fastos*, Trad. de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, Belo Horizonte - São Paulo, Autêntica Editora (edição bilingue).

- PLUTARCO (1988), *Quaestiones Romanae*. Trad. de Ana Romero Masía e Xose Manuel Pose Mesura, in *Galicia nos Textos Clásicos*, Coruña, Museo Arqueolóxico.

- POMPÓNIO DE MELA (1988), *Chorographie*. Alain Silberman trad., Paris, Les Belles Lettres, 1988.

- SÍLIO ITÁLICO (2005), *La Guerra Púnica*. Joaquín Villalba Álvarez (ed.), Madrid, Akal.

- TITO LÍVIO (1995), *Períocas; Períocas de Oxirrinco; Fragmentos; Libro de los prodígios*, Trad. de José Antonio Villar Vidal, Madrid, Gredos.

- VALÉRIO MÁXIMO (2000), *Memorable doings and sayings*. David Roy Shackleton Bailey trad., Cambridge, Loeb Classical Library.